

A EDIÇÃO DO TEXTO TEATRAL *ANATOMIA DAS FERAS*

Débora de Souza (UFBA, UEFS, UNEB)

deboras_23@yahoo.com.br

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa6@yahoo.com.br

1. *Considerações iniciais*

O texto teatral *Anatomia das Feras*⁴, de Nivalda Costa, foi produzido e censurado no período da Ditadura Militar, na Bahia. Esta obra apresenta-se em dois testemunhos, um pertencente ao Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia e o outro, ao Arquivo Nacional, em que se notam intervenções do datilógrafo, da dramaturga/diretora e do censor. Desenvolveu-se a edição crítica deste documento, conforme procedimentos da crítica textual e normas adotadas pelo Grupo de Edição e Estudo de Textos – Equipe Textos Teatrais censurados, coordenada pela Profa. Dra. Rosa Borges (UFBA), em suporte papel e em meio digital, pondo em evidência a dinâmica, a história e a pluralidade daquele texto, considerando-o em seus aspectos material e social.

Nivalda Silva Costa, dramaturga, diretora, atriz e poetisa baiana, preocupada com questões estéticas e ideológicas, buscou realizar um teatro de intervenção e desenvolveu um projeto artístico, naquele contexto singular, a Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, que se constitui de seis roteiros teatrais: *Aprender a Nada-r* [1975]⁵, *Ciropédia ou A Iniciação do príncipe (O Pequeno príncipe)* [1976], *Vegetal Vigiado* [1977/1978], *Anatomia das feras* [1978], *Glub! Estória de um espanto* [1979], *Casa de cães amestrados* [1980].

Este artigo faz parte do trabalho desenvolvido na dissertação de mestrado intitulada *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda*

⁴ O espetáculo *Anatomia das feras* foi encenado duas vezes: de 27 a 30 de julho de 1978, no Solar do Unhão, e, depois, no dia 10 de agosto daquele ano, na Praça Municipal, em Salvador – BA, durante o evento cultural *Negro – Movimenta* realizado no período de 10 a 13 de agosto, em que se reuniram dançarinos, atores, poetas e músicos negros.

⁵ Em entrevista concedida, em 2009, Nivalda Costa informou as datas dos textos, pois nenhum é datado.

Costa: *processo de construção dos textos e edição*⁶ apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, em 2012, orientado pela Profa. Dra. Rosa Borges.

2. *Edição crítica do texto anatomia das feras*

Anatomia das feras apresenta-se em dois testemunhos em que se notam intervenções do datilógrafo, da autora/diretora e do censor, a saber:

1) **AF^{EXB}** – Pertencente ao Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia, datiloscrito, 12 folhas: f.1, capa; f.2-12, texto. 308 linhas. Há marcas de grampo e de clipe enferrujado, à margem esquerda. Folhas numeradas em algarismos arábicos datilografados, no ângulo superior direito, exceto a última folha. Têm-se alguns rasgos na borda da primeira folha e vários trechos estão em processo de apagamento. Um pedaço de barbante que perpassa duas perfurações, centralizadas à margem esquerda, une o texto. Há correções e reescritas autorias, à mão, em tinta azul e preta.

Durante entrevista, em 2010, Nivalda Costa demonstrou surpresa quanto à existência e ao arquivamento desse testemunho no Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia. A mesma acredita que alguém do elenco da peça teatral, próximo a ela, naquela época, deveria ter a posse do mesmo e o doou (informação verbal)⁷.

2) **AF^{AN}** – Pertencente ao Arquivo Nacional, datiloscrito, 11 folhas: f.1, capa; f.2-11, texto. 292 linhas. Suporte medindo 320mmx215mm. Folhas com marcas de grampos, à margem esquerda. Marcas de perfurações, centralizadas, à margem esquerda. As folhas estão numeradas, no ângulo superior direito, em formato 1. Carimbo da SBAT-BA, em formato circular, às folhas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, com assinatura/rubrica, em seu interior. Algumas palavras estão sublinhadas e outros trechos destacados por chaves, à direita, à mão, em todas as folhas, exceto a primeira. Às folhas 4 e

⁶ SOUZA, Débora de. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa: processo de construção dos textos e edição*. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

⁷ Informação obtida em entrevista (2010).

5, destaque, em caneta esferográfica, enquadra trecho censurado, com o carimbo “CORTE”.

No Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia, há ainda outra cópia desse texto, (**AF^{EXBI}**), com carimbo da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), do Departamento de Polícia Federal (DPF). Observa-se, portanto, que **AF^{EXBI}** e **AF^{AN}** são duas, das três cópias, do texto *Anatomia das feras*, encaminhado à DCDP, quando solicitado exame censório do mesmo. Trata-se de um mesmo texto, entretanto, com diferentes marcas daquele processo.

Os testemunhos, **AF^{EXB}** e **AF^{AN}**, possuem diferenças entre si, principalmente, quanto ao número de folhas, 12 e 11, respectivamente; à acréscimo de palavras e frases, como em “INABITADO PAÍS DA MORTE VIEMOS E SEREMOS RECEBIDOS” (f. 11) presente somente em **AF^{AN}**; à supressão, sobretudo, em relação à informação “Textos subsidiários” (f. 11) e a toda folha 12, que são omitidas em **AF^{AN}**. A supressão das referências apresentadas à folha 11, de **AF^{EXB}**, pode ser tomada como uma omissão proposital, consciente, pois o conhecimento dos autores e das obras consultados poderia alertar os censores para o teor ideológico trabalhado, o que poderia criar algum obstáculo à liberação do texto.

Tomam-se todos os testemunhos referentes à *Anatomia das feras* como construções distintas que constituem a transmissão desse roteiro, importantes documentos da produção teatral de Nivalda Costa. Reconhece-se a importância da leitura dessas materialidades e das intervenções apresentadas, uma vez que todos esses sujeitos, autora/diretora, datilógrafa, revisora e censor, contribuíram, significativamente, para a história daqueles textos.

Nessa perspectiva, buscou-se apresentar um estado de texto em que se traga à cena o texto de Nivalda Costa, sem desconsiderar a história da transmissão do texto, as intervenções do datilógrafo e dos técnicos de censura. Realizou-se o trabalho editorial, em consonância com Said (2007, p. 82), a partir dos documentos encontrados em determinado momento, desenvolvendo uma leitura ativa desses textos e processos.

Levando-se em consideração a tradição e a transmissão dos testemunhos, assim como o papel de mediador do editor crítico, elegeu-se a edição crítica, em suporte papel, visando estabelecer um texto crítico em que se dê a ler, aos diferentes pesquisadores, a obra de Nivalda Costa, como dramaturga/diretora. A edição crítica é acompanhada por um apa-

rato crítico em que se expõem as modificações substanciais apresentadas nos outros testemunhos e um aparato de notas em que se registram as intervenções dos censores e breves comentários do editor. Essa atividade consiste na

Reprodução do texto do autógrafo (quando existente) ou do texto criticamente definido (pela operação de *constitutio textus*) como mais próximo do original (quando este não existe), depois de submetido às operações de recensão (*recensio*), colação (*collatio*), definição do estema com base na interpretação das variantes (estemática), definição do testemunho base, elaboração de critérios de transcrição e de correção (*emendatio ope codicum* ou *emendatio ope ingenii*). Todas estas operações devem ser devidamente justificadas e explicadas (*annotatio*), e todas as intervenções do editor, com realce para as lições não adoptadas (do original ou dos testemunhos da tradição), devem ser registadas no aparato crítico (DUARTE, 1997, p. 76).

É importante lembrar que, a partir das particularidades do texto teatral, algumas dessas etapas de elaboração da edição crítica, apontadas por Duarte (1997), não serão realizadas, por não se aplicarem ao objeto de estudo, como a definição do estema (*stemma codicum*), em que se estabelece uma representação, em árvore genealógica, das relações de derivação e de conexão encontradas entre original e cópias de um texto.

Dada às especificidades do texto teatral, instável, selecionou-se como texto de base para exercício da edição crítica o texto encaminhado aos órgãos de censura por se ter ali representado um estado terminal do texto, dado como pronto para julgamento dos censores. Assim, tomaram-se os testemunhos **AF^{EXB}** e **AF^{AN}**, adotando-se o último como texto base, considerando as intervenções autorais empreendidas em **AF^{EXB}**. Desprezou-se o testemunho **AF^{EXB1}**, nesse momento, por se tratar de cópia de **AF^{AN}**, ainda que se reconheça a importância das marcas textuais dos censores evidenciadas naquela materialidade.

É preciso ressaltar que a elaboração de uma edição crítica requer uma série de decisões baseada em critérios e em conhecimentos linguísticos, estéticos, históricos e ideológicos relativos à produção e à autoria da produção trabalhada. Desse modo, foram considerados fatores intra e extralinguísticos para que o editor melhor compreenda o texto estudado. Esse exercício filológico, portanto,

[...] não se oferece como veículo de verdade, mas como exibição de um saber discutível sobre determinado texto e que convida à discussão pelo próprio facto de mostrar, através do aparato, os elementos em que se baseou. Estamos, assim, no terreno do que Contini insistentemente chama uma hipótese de trabalho, uma hipótese histórica que depende da documentação disponível e, en-

tre outras circunstâncias, do momento em que ela é formulada [...] (DIONÍSIO, 2006, p. [3]).

Optou-se também por expor a edição crítica em meio digital, considerando a vantagem da apresentação em formato *hipertextual*, principalmente, pela capacidade de disponibilizar diferentes arquivos. No suporte papel, tem-se o limite de espaço, de página, de nota de rodapé e de margem direita insuficiente para relacionar informações e expor observações do editor. Logo, recorreu-se ao suporte digital, devido, em especial, à sua capacidade de armazenamento e à possibilidade de mobilidade, visando uma melhor forma de apresentação das edições críticas e facsimilar. Segundo Dionísio (2006),

Com efeito, a necessidade de dar a ler todas as redacções transmitidas pelos manuscritos bons e de as colocar lado a lado, esbarrava na dificuldade de acomodar um número potencialmente grande de redacções ao formato do livro e nos custos tipográficos que depois se reflectiriam no preço de venda. O hipertexto parecia fornecer a resposta para estes problemas: capacidade de armazenamento muito superior à do livro tradicional, leitura em confronto garantida pela formação de janelas, baixo preço. [...] (DIONÍSIO, 2006, p. [2]).

Dessa maneira, o advento da tecnologia e da informática coincide com “o afastamento progressivo da crítica textual e da teoria editorial do conceito de ‘edição definitiva’” (LOURENÇO, 2009, p. 248). Há um deslocamento na ênfase dada à intenção autoral para os aspectos sociais do texto, levando em conta a individualidade e a historicidade de cada texto circunscrito em determinado contexto de produção, transmissão e recepção no desenvolvimento de edições em meio eletrônico.

A edição eletrônica, a partir de hipertextos, de acordo com Dionísio (2006, p. [3]), também “se presta a resolver a incomunicação entre estudos textuais e estudos literários [...]. De facto, o hipertexto permite juntar lado a lado texto ou textos editados e comentários de críticos literários. [...]”. Nesse sentido, há uma releitura da articulação entre os estudos textuais, em especial, a edição de texto, e os estudos literários, uma vez que, muitas vezes, toma-se a crítica textual como uma atividade simples e mecânica, em que se reproduz um texto de modo a submetê-lo, posteriormente, a operações interpretativas.

Além disso, usar suporte digital implica permitir diferentes orientações de leitura, possibilitando ao leitor fazer suas escolhas e percorrer seus caminhos. A informática, portanto, torna-se importante ferramenta no âmbito dos estudos filológicos, contribuindo significativamente com o trabalho de edição proposto, ao tornar acessível uma diversidade textual

e material, fundamentais para o desenvolvimento e realização do estudo interpretativo.

Adotaram-se as seguintes normas para o estabelecimento crítico dos textos censurados, conforme estabeleceu Rosa Borges em trabalho apresentado no III Encontro Internacional de Filologia (2008), fazendo-se os devidos ajustes para o texto selecionado:

1. Respeitar o seccionamento do texto em atos;
2. Trazer as informações da rubrica entre parênteses e em itálico;
3. Trazer o título da peça em negrito e em caixa alta, centralizado;
4. Indicar e uniformizar os nomes das personagens na íntegra, em caixa alta e à esquerda da folha, não se registrando no APARATO a forma diferente quando em caixa baixa.
5. Apresentar as palavras **ESPAÇO**, **ATO** e **CENA** em caixa alta e em negrito, centralizado;
6. Manter a pontuação original, exceto nos casos de erro, para os quais se fará a correção;
7. Desenvolver as formas abreviadas no texto em negrito, uniformizando-as;
8. Manter os estrangeirismos da mesma forma que se registram nos textos em itálico;
9. Manter em caixa alta, conforme se registra nos textos, réplicas ou partes dessas, respeitando a especificidade do texto teatral⁸;
10. Numerar as linhas de cinco em cinco, de forma contínua;
11. Registrar no aparato crítico, localizado à direita do texto, somente intervenções substanciais, em itálico, não se apresentando as formas e as próprias do processo de reprodução em meio mecânico;

⁸ De acordo com Preti (1987, p. 67), existem “pouquíssimos recursos para representar, na língua escrita, os signos prosódicos, decorrentes dos chamados elementos suprasegmentais”, tom, acento, quantidade, entonação etc. Dessa forma, para representá-los, os dramaturgos têm na escrita apenas “os sinais de pontuação, os diacríticos, as *maiúsculas*, a repetição de vogais, os espaços, o destaque de sílabas, os recursos tipográficos do negrito, do grifo, *da caixa alta e baixa*” (PRETI, 1987, p. 68).

12. Registrar comentários do editor e as intervenções do censor, indicando o trecho censurado, em nota de rodapé, à margem inferior;
13. Usar operadores para a descrição simplificada das intervenções realizadas por Nivalda Costa no texto:

[]	Acréscimo
[→]	Acréscimo à margem direita
[←]	Acréscimo à margem esquerda
[↑]	Acréscimo na entrelinha superior
[↓]	Acréscimo na entrelinha inferior
< > \	Substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituído\
<†> []	Substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível
<>	Supressão
[<>]	Acréscimo suprimido
/*/	Leitura conjecturada
(...)	Leitura impossível: suporte danificado

Para a apresentação em meio digital utilizaram-se a linguagem de marcação HTML, *HyperText Markup Language*, (*Linguagem de Marcação de Hipertexto*) usada para produzir páginas na internet e o software *Adobe Reader* para a visualização em documentos PDF.

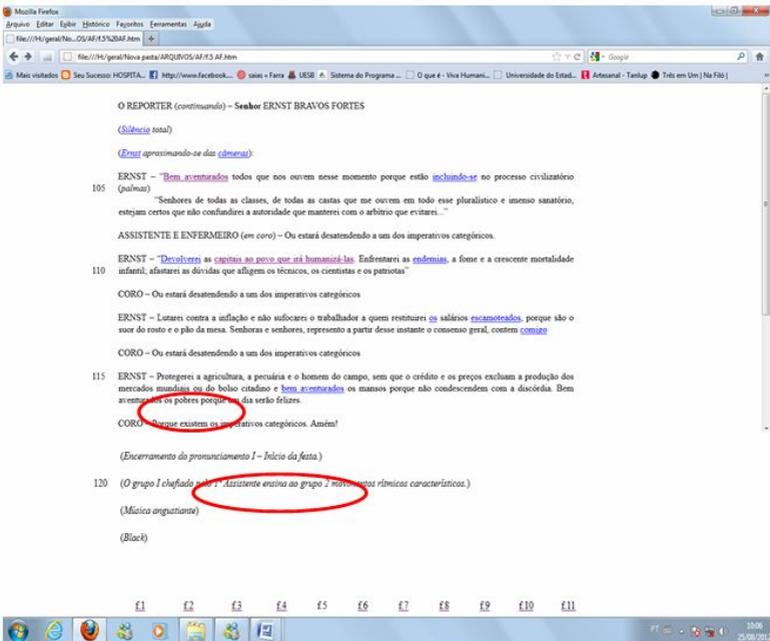
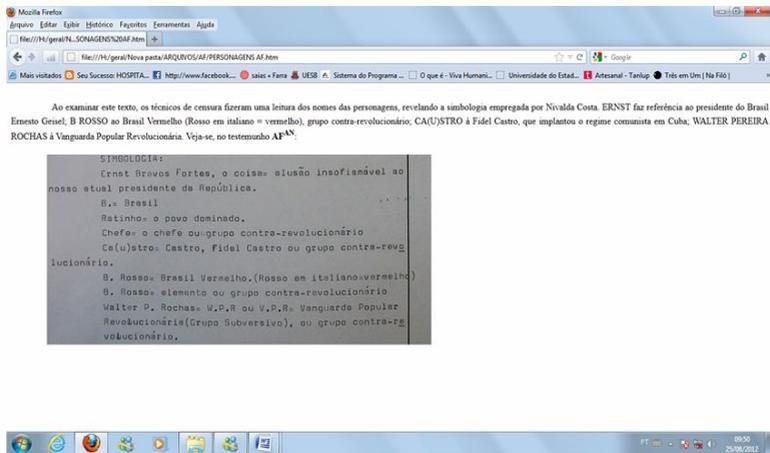
A partir da linguagem de marcação HTML, desenvolveu-se a edição crítica em meio digital, conforme critérios expostos acima, com alguns ajustes, utilizando-se, sobretudo, *hiperlink* para expor operações de correção ou manipulação do texto realizadas por Nivalda Costa, intervenções dos censores e comentários do editor. Desse modo, algumas palavras e/ou expressões estão destacadas, em azul, o que evidencia a existência de *hiperlink*. Note-se que as operações autorias foram postas em formato dicas de tela, pequenas janelas que exibem a informação quando se posiciona o ponteiro sobre a palavra destacada. Todavia, nos casos de acréscimos à margem direita ou esquerda e na entrelinha superior ou inferior, em que esse formato não reconhece os operadores, [→], [←], [↑], [↓], respectivamente, a informação abrirá em outra página, da mesma forma que ocorre para expor intervenções dos censores e comentários do editor.

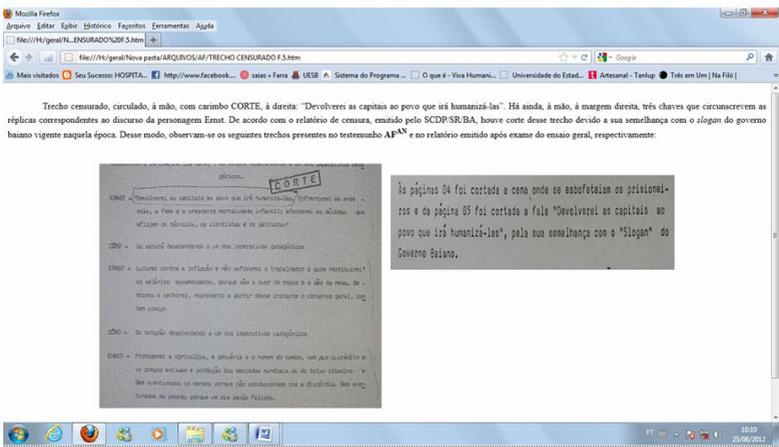
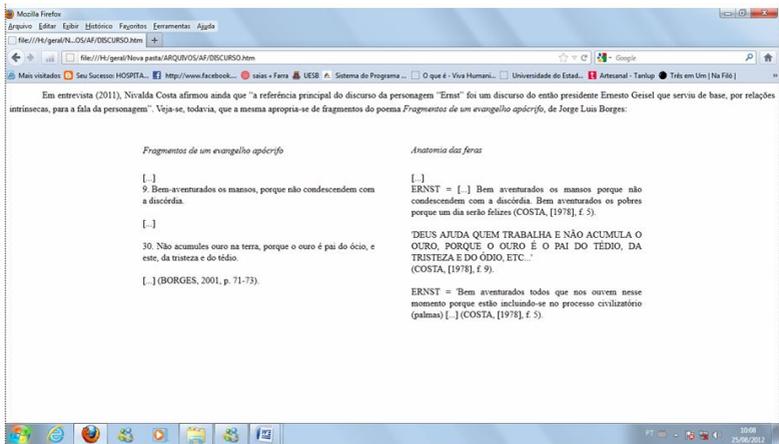
Para visualização de edição fac-símile dos testemunhos, de documentos do processo censório e de fotos da encenação, recorreu-se ao programa *Adobe Reader*, dispondo esse material em documentos PDF, de modo que o leitor tem acesso às diferentes intervenções textuais realizadas pelos mediadores em questão, podendo realizar outras leituras críticas.

Esta edição em meio digital apresenta-se como uma proposta de dar a ler os textos selecionados, em seu aspecto material e social, considerando, sobremaneira, os diferentes agentes/atores sociais envolvidos em configuração cultural específica, resultado de uma leitura realizada por esta pesquisadora, de acordo com critérios e decisões críticas tomadas em determinado momento. Vejam-se, a seguir, alguns trechos da referida edição, em suporte papel e em meio digital:

EDIÇÃO DE ANATOMIA DAS FERAS [AFAS]		
ANATOMIA DAS FERAS		
Roteiro teatral — 6 atos / espaços		
Cenário — Um sanatório cujos doentes encenam um auto sobre a morte da Liberdade		
— Pensam que vivem numa república cujo o nome é "Republic of the Free"		
5	Nota: Cada ato deve desenvolver-se num espaço ou dependência ou num único local com seis (6) mudanças de cenário.	AFEXB of [1/the Free"
ANATOMIA DAS FERAS		
Personagens:		
	ERNST BRAVOS FORTES	1 Personagens ⁵
	CHEFE	2 ERNST ⁶
10	ENFERMEIRO	3 AFEXB "CHEFE"
	B. ROSSO	4
	SIDNEY C(A)USTRO	5
	ENIGMA I, O POETA	6
15	1º ASSISTENTE	7
	ENIGMA 2	8 AFEXB, AFAS ENIGMA 2 ⁸
	ENIGMA 3, O MENSAGEIRO	9
	DOENTE 1	10
	DOENTE 2	11
20	DOENTE 3	12
	WALTER PEREIRA ROCHAS	13
	O REPORTER ...	14
ANATOMIA DAS FERAS		
Percurso Dramático:		
25	I — PRELÍDIA OU O CAOS DA LIBERDADE	
	II — GÊNESIS	Gênese ¹⁰
	III — A COLONIZAÇÃO	AFAS ¹¹
	IV — O ÊSMO	
	V — A RUPTURA	
30	VI — A HISTÓRIA DE NÃO LIBERDADE	







3. Considerações finais

O estudo daquele texto teatral faz pensar de imediato no estreito enlace entre história, política e teatro, nas circunstâncias vivenciadas e no que representou a ditadura e suas consequências para a produção teatral baiana. Os testemunhos consultados dão a ler a sociedade da época e os diferentes agentes mediadores envolvidos no contexto social, a dramaturga/ diretora, o datilógrafo e o censor, que deixaram nos textos pistas

para uma leitura em perspectiva histórico-cultural. Logo, as intervenções desses sujeitos caracterizam a produção, contribuindo, significativamente, no que tange à história da tradição e da transmissão dos textos.

Na edição em suporte digital há maior capacidade de armazenamento e de mobilidade, o que implica em permitir diferentes orientações de leitura, possibilitando ao leitor fazer suas escolhas, realizar uma leitura em confronto, percorrer seus caminhos. A informática, portanto, torna-se importante ferramenta no âmbito dos estudos filológicos, contribuindo significativamente com o trabalho de edição proposto, ao tornar acessível uma diversidade textual e material fundamental para o desenvolvimento e realização do estudo interpretativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Nivalda. *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço: depoimento* [out. 2010]. Entrevistador: Débora de Souza. Salvador, 2010. 1 CD. Entrevista concedida ao Grupo de Edição e Estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura.

_____. *Vegetal vigiado: depoimento* [fev. 2009]. Entrevistador: Débora de Souza. Salvador, 2009. 1 CD. Entrevista concedida ao Grupo de Edição e Estudo de Textos Teatrais Produzidos na Bahia no Período da Sítadura.

_____. *Anatomia das feras*. Salvador. Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia, 1978, 12 f.

_____. *Anatomia das feras*. Brasília. Arquivo Nacional – COREG, 1978, 11 f.

DIONÍSIO, João. Ab la dolchor del temps novel? In: _____. *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2006. Disponível em: <<http://www.edu.fc.ul.pt/hyper/resources/jdionisio>>. Acesso em: 06-10-2011.

DUARTE, Luiz Fagundes. Glossário. In: _____. *Crítica textual*. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997, p. 66-90.

LOURENÇO, Isabel Maria Graça. *The William Blake Archive*: da gravura iluminada à edição eletrônica. 2009, 490 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PRETI, Dino. A representação escrita das variações da língua oral. In: _____. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1987, p. 61-75.

SAID, Edward. O regresso à filologia. In: _____. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 80-109.

SANTOS, Rosa Borges dos. Uma metodologia aplicada à edição de textos teatrais. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008, CD-ROM.

SOUZA, Débora de. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa*: processo de construção dos textos e edição. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.